

() Graduação (x) Pós-Graduação

Empreendedorismo: transcurso histórico e teórico do campo

Rocío del Pilar López Cabana
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
rocio.lopez@ufms.br

RESUMO

O presente ensaio teórico teve por objetivo apresentar sucintamente o transcurso histórico e teórico do campo de pesquisa em empreendedorismo. Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando fontes nacionais e internacionais sobre o tema objeto deste estudo. Após a revisão teórica foi possível constatar que no transcurso do desenvolvimento histórico do empreendedorismo, desde suas origens como campo intelectual até a atualidade, este é caracterizado pela multidisciplinaridade da área, gerando diversas perspectivas e conceitos diferenciados. Cabe destacar que na atualidade o campo do empreendedorismo com suas múltiplas pesquisas ainda não atingiu um consenso sobre os paradigmas essenciais e os conceitos básicos que concentram sua área do estudo, sendo assim, esta área encontra-se com dificuldades para demarcar suas fronteiras conceituais, um problema visto por muitos estudiosos entre eles, Gartner (1985), Shane e Venkataraman (2000); Bruyat e Julien (2000); Julien (2010); e Machado e Borges (2017). Estes autores criticam uma visão simplista do empreendedorismo sendo relevante realizar teorias mais complexas e multidimensionais que outorguem maior compreensão do fenômeno empreendedor para atingir a essência do campo de pesquisa.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Empreendedorismo como campo de pesquisa; Abordagens do empreendedorismo.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tornou-se um assunto de extrema importância econômica e política (LANDSTRÖM; HARIRCHI, 2018), o termo é frequentemente utilizado no cotidiano social, visto que, cada vez mais brasileiros pretendem incursionar nesta área. Em 2019, segundo cálculos estimados do *Global Entrepreneurship Monitor* - GEM (2019) de cada dez brasileiros (de 18 a 64 anos) três desejavam iniciar um negócio próprio nos próximos três anos. Ainda, a taxa de empreendedorismo nesse mesmo ano, considerando a população brasileira de 18 a 63 anos, foi de 38,7%, o que representa, em números absolutos, uma estimativa de 53,5 milhões de brasileiros que desenvolveram alguma atividade empreendedora, seja criando, consolidando ou mantendo um empreendimento (GEM, 2019). Assim, cabe ressaltar a figura do empreendedor como um dos elementos fundamentais responsáveis pela sobrevivência das micro e pequenas empresas (FILION, 1999). Estes, concomitantemente têm uma vasta contribuição com o emprego, “estima-se que os empreendedores, tanto em estágio inicial quanto estabelecido, geraram mais de 36 milhões de postos de trabalho em 2019” (GEM, 2019, p. 100).

No entanto, o empreendedorismo, como mostra o percurso histórico desta temática, não se limita à criação de novos negócios, nem o empreendedor pode ser reduzido a desenvolver um único papel. Desta forma, o fenômeno empreendedor apresenta uma imensa complexidade quando se trata de atingir um consenso sobre os seus limites conceituais. É por isto que a reflexão histórica a epistemológica do empreendedorismo torna-se muito necessária.

Segundo Landstrom e Benner (2010) o empreendedorismo como um campo de conhecimento apresenta uma longa história, no entanto, a investigação mais sistemática inicia na década de 1970 e 1980. Neste percurso, às continuas e rápidas mudanças da sociedade geraram novas perguntas sobre o fenômeno empreendedor, produzindo, por sua vez, diversos conceitos e abordagens que tentavam explicá-lo de diferentes ângulos e áreas do conhecimento, tornando o campo de pesquisa fortemente fragmentado (LANDSTRÖM; HARIRCHI, 2018).

Assim, diante da heterogeneidade de definições e abordagens que marcam este campo de estudos (LANDSTRÖM; LOHRKE, 2010), surgiu a seguinte interrogação de pesquisa:

Qual foi o transcurso histórico e teórico do campo de pesquisa em empreendedorismo até a atualidade?

Destarte, este ensaio teórico, a partir de uma pesquisa bibliográfica, tem como objetivo apresentar sucintamente o transcurso histórico e teórico do campo de pesquisa em empreendedorismo.

Para tanto, após esta introdução, é apresentada a metodologia utilizada para atingir o objetivo proposto, logo, na terceira seção, é realizada uma concisa revisão sobre o desenvolvimento histórico do campo do empreendedorismo, seguidamente, na quarta seção, são mencionadas as principais abordagens que tratam sobre os aspectos epistemológicos do empreendedorismo e na sequência é realizada uma discussão sobre os principais aspectos encontrados na literatura, para finalmente apresentar as conclusões deste estudo.

2 METODOLOGIA

O presente estudo baseia-se em uma pesquisa bibliográfica a qual “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). Desta forma, foi realizado um levantamento bibliográfico, consultando livros e artigos científicos nacionais e internacionais que discorreram sobre a história do campo do empreendedorismo assim como foram identificadas e revisadas as principais abordagens conceituadas nesta área de estudos.

Como assinala Gil (2012, p. 50) este tipo de pesquisa possui a vantagem, de “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Assim, ao revisar a literatura sobre a temática, objeto deste estudo, foi possível tecer o presente texto, tentando trazer maiores possibilidades de compreensão do campo de pesquisa em empreendedorismo.

3 DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO EMPREENDEDORISMO

Landström e Benner (2010) tendo como ponto de partida o caráter multidisciplinar do empreendedorismo pesquisaram o desenvolvimento histórico do empreendedorismo como um campo intelectual. Os autores pretendiam saber qual foi a composição do campo ao longo do tempo, e que disciplinas tinham dominado as pesquisas em empreendedorismo durante

diferentes períodos de tempo. Na sua revisão eles identificaram três eras de pesquisa sobre o empreendedorismo sustentadas em diferentes disciplinas: a) a era econômica de 1870 até 1940; b) a era das ciências sociais de 1940 até 1970 e; c) a era de estudos de gestão de 1970 até o presente. Paralelamente, Filion (1999) analisou o universo do empreendedor como observado pelos economistas, depois pelos comportamentalistas (envolvendo psicólogos, psicanalistas, sociólogos e outros especialistas do comportamento humano) e finalmente a expansão deste universo para a maioria de disciplinas das ciências humanas e gerenciais.

Para Landström e Benner, (2010) o empreendedorismo provavelmente seja tão antigo quanto a troca e o comércio, mas só ganhou destaque na época que surgiram os grandes mercados econômicos. O primeiro autor a dar um significado mais preciso sobre o empreendedorismo foi Richard Cantillon (1680-1734), economista franco-irlandês, que reconheceu três classes de agentes econômicos: os proprietários, os empreendedores, e os mercenários. Sendo empreendedores os que estavam envolvidos em trocas de mercado, com o intuito de fazer lucro assumindo a incerteza. Posteriormente, Jean Baptiste Say (1767-1832), economista francês, defendeu que o empreendedorismo consistia na combinação dos fatores de produção em uma organização. Say associou os empreendedores à inovação e os considerou agentes de mudança. Para Filion (1988), Say foi o primeiro a outorgar as bases do campo de estudo do empreendedorismo, sendo considerado pai do empreendedorismo.

Mas foi Joseph Alois Schumpeter (1883-1950), quem definitivamente lança o campo do empreendedorismo associando-o com a inovação, mostrando a relevância dos empreendedores na explicação do desenvolvimento econômico (FILION, 1999). Schumpeter dividiu seus escritos em dois períodos - até aproximadamente 1940, ele interessava-se no desenvolvimento de ideias sobre empreendedorismo e em integrá-las em uma nova teoria econômica baseada na inovação e mudança econômica, enquanto no segundo período, durante a década de 1940, ele priorizou os aspectos sociológicos do empreendedorismo e também tentou traçar um programa de pesquisa em empreendedorismo na história econômica. (LANDSTRÖM; BENNER, 2010).

Após estas contribuições iniciais o campo de pesquisa tornou-se altamente multidisciplinar. Na década de 1940 o interesse pelo empreendedorismo na área econômica começou a declinar com a ascensão da escola neoclássica (LANDSTRÖM; BENNER, 2010). No entanto, as ideias Schumpeter estimularam uma nova corrente de interesse no empreendedorismo em meados do século XX e influenciaram alguns economistas que continuaram desenvolvendo seu legado (FILION, 1999).

Em outro contexto, a tradição austríaca representada por Mises Israel Kirzner refere-se ao empreendedor como uma pessoa, que está alerta para enxergar as falhas do mercado e atento para colher informações sobre as necessidades e recursos dos diferentes atores, com a ajuda dessas informações, é capaz de coordenar os recursos de uma forma mais eficaz, criando assim o equilíbrio (LANDSTRÖM; BENNER, 2010).

Em suma, os economistas estavam basicamente interessados em entender o papel do empreendedor como motor do sistema econômico. Assim estes enxergavam os empreendedores como detectores de oportunidades de negócios, criadores de empreendimentos e aqueles que correm riscos. Uma das críticas que pode ser direcionada para esta visão economista foi não considerar o comportamento dos empreendedores (FILION, 1999).

Segundo Filion (1999), na busca de um conhecimento mais aprofundado do comportamento acabou levando o universo empreendedor a voltar-se para os comportamentalistas. Um dos primeiros autores desse grupo foi Max Weber (1864-1920). Este estudioso identificou o sistema de valores como um elemento chave para o entendimento do comportamento empreendedor.

Neste contexto, para Landström e Benner (2010) no ano de 1940 inicia-se a era das ciências sociais. Neste período vários historiadores econômicos e sociólogos começaram a explorar o empreendedorismo como um fenômeno empírico histórico, e em poucos anos reuniram um vasto corpo de literatura sobre o empreendedorismo e seu papel no processo de modernização das sociedades em todo o mundo. Estes estavam inspirados em Schumpeter para empregar métodos históricos mais elaborados no estudo do empreendedorismo.

Contribuições influentes para o meio intelectual foram feitas por dois historiadores americanos: Leland Jenks e Thomas Cochran. Estes aprofundaram a teoria estrutural-funcional de Parsons para entender as origens do papel do empreendedor no âmbito do desenvolvimento econômico questionando como os fatores sociais, culturais e institucionais, promovem o empreendedorismo na sociedade. Esta abordagem tornou-se dominante para a pesquisa histórica sobre o empreendedorismo. Pesquisadores tentaram entender como o contexto histórico e a estrutura social moldam a emergência, quantidade e o caráter do empreendedorismo dentro de uma determinada configuração nacional. Na década de 1940 e 1950 pesquisas baseadas na história econômica elaboraram um vasto corpo de conhecimento para explicar por que alguns países tinham crescido, enquanto outros mantiveram-se relativamente pobres durante longos períodos (JONES; WADHWANI, 2007 apud

LANDSTRÖM; BENNER, 2010).).

No final da década de 1950 e no início dos anos 1960 uma série de estudos em larga escala com base em uma abordagem histórico-comparativa foram realizadas a fim de compreender os traços e características pessoais do empreendedor. Neste rumo, contribuições McClelland trouxeram significativos destaques para as qualidades pessoais do empreendedor na década de 1960 e 1970 (LANDSTRÖM; BENNER, 2010; FILION; 1999).

Segundo Filion (1999) após McClelland, os comportamentalistas dominaram o campo por vinte anos até início dos anos 80, e tinham como objetivo definir o que são empreendedores e suas características, desta forma realizaram-se numerosas pesquisas que descreviam uma série de características atribuídas aos empreendedores mas os resultados eram variáveis e muitas vezes até contraditórios. Segundo o autor ainda não se chegou a poder avaliar uma pessoa e então afirmar com certeza se ela vai ser bem sucedida como empreendedora, mas sim pode-se dizer se ela tem as características e aptidões mais comumente encontradas em empreendedores.

Para Landström e Benner (2010) na década de 1970 se dá início a uma nova era denominada a era de estudos de gestão. Os anos 1960 e 1970 foram caracterizados por grandes mudanças sociais tanto econômicas quanto políticas. Foram levantadas questões sobre a eficiência de grandes empresas, sobre as atitudes de empreendedorismo e pequenos negócios foram surgindo. Além disso, o empreendedorismo começou a fazer parte dos currículos das escolas de negócios norte-americanos e entre os estudos da gestão. Alguns estudos pioneiros enfocando as características específicas de empreendedorismo e pequenos negócios surgiram.

Para Filion (1999), nos anos 80, o campo do empreendedorismo cresceu e se disseminou por quase todas as ciências humanas e gerenciais. Esta transição foi marcada por dois eventos: a publicação da primeira enciclopédia que compreendia as mais atuais e relevantes informações sobre o assunto e a primeira conferência anual (Conferência de Babson), dedicada à pesquisa do novo campo. Para o autor é interessante observar que o desenvolvimento do empreendedorismo como disciplina foi singular. A assimilação e integração do empreendedorismo em outras disciplinas, especialmente de ciências humanas e ciências do gerenciamento representa um fenômeno único, nunca antes visto com tal intensidade na construção paradigmática de qualquer outra disciplina das ciências humanas. Sendo assim é um dos raros assuntos que atraem especialistas de grande variedade de disciplinas causando uma aparente confusão diante de lógicas diversas e muitas vezes

divergentes dessas disciplinas.

Para Landström e Benner (2010) o campo ainda está em processo de maturação, existindo uma intensa discussão sobre o domínio de pesquisa sobre empreendedorismo. Porém, é marcado pela existência de um crescente interesse no desenvolvimento teórico do campo em que retornaram as pesquisas da área econômica e psicológica. Apontando a relevância do empreendedorismo, mesmo fazendo uso de teorias de distintas áreas do conhecimento, precisa formular suas próprias teorias e modelos específicos.

Destarte como assinalam Landström e Benner (2010), o empreendedorismo é uma área complexa e heterogênea e trata de um fenômeno multinível.

3.2 PRINCIPAIS ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS SOBRE EMPREENDEDORISMO

São muitos os pesquisadores que aportaram conhecimentos relevantes para esta área. Começando pela aceção do empreendedor, Joseph Schumpeter (1949) aponta que o empreendedor é aquele capaz de causar uma ruptura na ordem econômica vigente, seja pela inserção de novos produtos, novos serviços, novas formas de organização ou exploração de novos recursos. Em contrapartida para Kirzner (1986), o empreendedor é aquele que depara uma posição clara e positiva no meio do caos, identificando oportunidades na ordem presente. Neste mesmo sentido, Drucker (1970), afirmava que o empreendedor sempre está buscando a mudança, reage a ela, e a explora como sendo uma oportunidade.

Por outro lado para Pinchot (1989) o empreendedorismo se baseia na necessidade de realizar e pode ser desenvolvida em qualquer período da vida, dependendo do desejo e da oportunidade. Numa concepção mais abrangente Filion (1999) define empreendedor como:

uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação, continuará a desempenhar um papel empreendedor (FILION, 1999. p. 19)

Em síntese Filion (FILION, 1999. p. 19) assinala que o “Empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões”.

Gatner (1985) é um dos primeiros estudiosos a trazer a discussão sobre a natureza epistemológica do empreendedorismo. O autor realiza a integração de muitas pesquisas na área com o intuito de descrever a criação de novas empresas e aponta a existência de múltiplas diferenças entre os empreendedores e seus empreendimentos, destacando que as ações que estes executam e os ambientes nos quais operam são variados. Todos estes elementos constituem combinações complexas e originais na criação de cada empreendimento sendo assim o empreendedorismo é considerado um fenômeno complexo multidimensional.

Para Gartner (1985) torna-se necessário enxergar a criação de novas empresas desde uma perspectiva global, para isto o autor formula um quadro sistemático para descobrir e avaliar as semelhanças e diferenças entre os novos empreendimentos. Este quadro apresenta quatro dimensões: indivíduo(s); processo; organização; ambiente.

A dimensão individual trata tanto dos aspectos psicológicos do empreendedor (necessidade de realização; locus de controle; propensão a assumir riscos) assim como das atitudes, conhecimentos e experiências deste (satisfação no trabalho; pais empreendedores; idade; educação; experiência anterior no trabalho). A dimensão organização focaliza a organização criada, salientando a influencia do tipo de empresa no processo de criação de um novo empreendimento, tendo que esta influencia pode ser dada no conhecimento, na resposta ao ambiente e nas parcerias. A dimensão ambiente é representada pelas condições externas que são impostas sobre o novo empreendimento. A dimensão processo parte do enfoque que o empreendedorismo é uma atividade ou função diferente de outras funções mais rotinizadas como a função gerencial GARTNER (1985).

A interação destas variáveis trás um alto grau de complexidade dentro do fenômeno multidimensional de criação de novas empresas, existindo uma grande variação de novos tipos de empreendimentos que são iniciados, ampliando a perspectiva de pesquisas anteriores unidimensionais que não diferenciavam os diversos tipos de empreendedores e empreendimentos (GARTNER, 1985)

Por outro lado, na visão de Shane e Venkataraman (2000) o empreendedorismo se tornou uma miscelânea de pesquisas sem um domínio conceitual, gerando dificuldade para reconhecer a contribuição específica desta área do conhecimento, minando a legitimidade do campo. Para os autores o empreendedorismo, como um campo de pesquisa, procura entender como emergem as oportunidades para criar gerar algo novo e como estas oportunidades são observadas ou criadas por indivíduos específicos que fazendo uso de diversos meios conseguem explorar ou desenvolver essas coisas novas, gerando múltiplos efeitos.

Sendo assim os autores assinalam que sejam realizados estudos sobre as fontes de oportunidades, os processos de descoberta, a avaliação de oportunidades e sobre o conjunto de indivíduos que descobrem, avaliam e exploram estas oportunidades (SHANE; VENTAKATARAMAN, 2000).

Filion (1999, p. 21) aponta que o campo de estudo do empreendedorismo pode ser definido como: “aquele que estuda os empreendedores. Em outras palavras examina suas atividades, características, efeitos sociais e econômicos e os métodos de suporte utilizados para facilitar a expressão da atividade empreendedora”. E assinala que os pesquisadores que aceitarem o desafio de desenvolver uma teoria sobre empreendedorismo devem ser criativos e não se limitarem a uma abordagem unidimensional.

Bruyat e Julien (2000) incrementam que mesmo sendo reconhecida a importância do empreendedorismo não há nenhum consenso sobre o objeto de pesquisa neste domínio científico afirmando que o fenômeno é muito mais complexo e heterogêneo do que se pensava em 1985, e alertam que se não houver consenso mínimo sobre a definição de um paradigma, o campo de empreendedorismo pode realmente desaparecer. Sendo assim torna-se necessário definir os limites do campo do empreendedorismo destacando o objeto principal da pesquisa.

Para os autores o objeto científico estudado no campo do empreendedorismo é a relação dialética entre indivíduo e a criação de valor, dentro de um processo contínuo e de um ambiente com características específicas. Esta definição ressalta o fato que não é possível entender o fenômeno do empreendedorismo se não considerar o indivíduo (empreendedor), o projeto, o ambiente e as ligações entre estes ao longo do tempo. Ressaltando que o empreendedor é capaz de criar, aprender e influenciar o ambiente. Sendo assim, o fenômeno do empreendedorismo é heterogêneo, dinâmico e às vezes imprevisível.

Para os autores o empreendedor é um indivíduo responsável pelo processo de criação de valor, que pode ser uma inovação ou uma nova organização. Inicialmente o projeto é de um único indivíduo, ou empresário emergente, o indivíduo criador do projeto é concomitantemente recriado pelo objeto que construiu. Sendo assim apresenta-se um sistema de causalidade circular entre as duas unidades sujeito/objeto. Este sistema ao mesmo tempo interage com seu ambiente e de certa forma pode selecioná-lo e organizá-lo.

Sendo assim para entender um evento empresarial, torna-se necessário primeiro entender o indivíduo e o projeto compreendendo as ligações entre eles durante todo o tempo de sobrevivência, e/ou o desenvolvimento do processo e, finalmente, a influência do meio ambiente.

Por outro lado Julien (2010) sintetiza as concepções do empreendedorismo em quatro tipos: o que cria uma nova empresa; o que retoma uma empresa já existente; o que visa a um mercado já existente; o que visa a um novo mercado. Para o autor a criação de uma nova empresa é o arquétipo do empreendedorismo por este motivo é a definição mais frequentemente considerada. Porém, estas concepções limitam-se ao empreendedorismo individual quando o ambiente e as relações são relevantes no desenvolvimento de um grande número de empresas.

Julien (2010) aponta também que a criação de novas empresas não pode ser concebida fora da sociedade que as impulsiona e da cultura em que estão inseridas. Assim em um mesmo território podem ser observados diversos tipos e subtipos de empreendedorismo. Ainda enfatiza que o empreendedorismo não pode ser limitado a certas épocas ou territórios, nem restringido à empresa privada, e não é necessariamente mais presente em certos grupos do que em outros. Isso não quer dizer que as diferentes teorias sobre empreendedorismo sejam falsas, mas constantemente centram-se de forma exagerada no comportamento individual de cada empreendedor ou em territórios ou épocas, e além de tudo são muito parciais a maior parte do tempo. Por isto para o autor torna-se necessário formular uma teoria mais complexa. É necessário falar sobre empreendedorismo adotando uma visão abrangente já que para compreender este fenômeno é necessário ter em consideração diferentes tipos de indivíduos, diversas formas de organização, diversos ambientes socioeconômicos e distintas épocas. Por este motivo torna-se necessário consultar diferentes disciplinas e pesquisas, aplicando o princípio sistemático da variedade requerida, este princípio expressa que uma abordagem não pode ser menos complexa do que a questão abordada. Sem esquecer que uma abordagem complexa demais pode limitar a compreensão. Desta forma o autor discute o empreendedorismo de acordo com quatro abordagens: antropológica e psicológica, sociológica, geográfica e econômica, reconhecendo ainda assim que elas não esgotaram o assunto.

Por outro ângulo, Baron e Shane (2007) vislumbram o empreendedorismo como um processo que se desenvolve ao longo do tempo movimentando-se por meio de fases distintas, mas intimamente relacionadas. Estas fases não apresentam fronteiras bem delineadas, mas em geral envolvem: a geração da ideia de um novo produto ou serviço e/ou reconhecimento de uma oportunidade; a reunião dos recursos necessários para lançar um novo empreendimento;

a abertura do empreendimento; a administração e expansão da empresa; e a colheita de recompensas.

Segundo os autores para obter um maior entendimento deste processo é importante abranger tanto a perspectiva micro, focada no comportamento e pensamento dos indivíduos assim como a perspectiva macro que está direcionada para os fatores ambientais, desta forma Baron e Shane (2007) salientam que este processo em todas as suas fases é afetado ou influenciado por fatores individuais, grupais e sociais. Salientando que a essência do empreendedorismo radica na interseção de oportunidades valiosas e indivíduos empreendedores, já que é essa conexão que dá início ao processo empreendedor.

De outra perspectiva, com nova lógica, a abordagem *effectuation* identificada por Sarasvathy (2001), propõe um novo paradigma na tomada de decisão, não mais focado em prever o futuro (lógica *causation*), mas no controle do futuro imprevisível (lógica *effectual*), neste sentido na medida em que é possível controlar o futuro, não se torna necessário prevê-lo. Para Gonzales et al. nesta abordagem o fenômeno do empreendedorismo é sustentado por uma visão do mundo e dos ambientes de negócio como uma realidade em construção, onde a ação humana é altamente importante para sua modelagem.

O agente essencial do espírito empresarial, [...] é um *effectuator*: um ator imaginativo que aproveita oportunidades contingentes e explora todos e quaisquer meios à sua disposição para atender a uma pluralidade de aspirações atuais e futuras, muitas das quais são moldadas e criadas através do próprio processo de tomada de decisões econômicas e não são dadas a priori (SARASVATHY, 2001, p. 262).

Assim o raciocínio *effectual* não começa com um objetivo específico, mas sim com um conjunto de meios a partir dos quais irão se criando objetivos específicos (GONZALES et al., 2011). Ainda, Sarasvathy (2001) menciona que a lógica causal e a *effectual* não são excludentes, estas podem ser utilizadas em diferentes etapas do processo de criação e desenvolvimento de novos empreendimentos.

O modelo *effectual* apresenta quatro princípios: perdas aceitáveis em lugar de retornos esperados; alianças estratégicas ao invés de análises competitivas; exploração de contingências ao invés de utilização de conhecimento pré-existente; controlar um futuro imprevisível, ao invés de prever um futuro incerto. Esta teoria destaca três aspectos essenciais: a identidade, o que o empreendedor é; o conhecimento, o que o empreendedor

conhece; e as redes de contatos, quem o empreendedor conhece (SARASVATHY, 2001).

Enfatizando que nesta abordagem "a oportunidade possui um caráter diferente: o empreendedor faz mais do que identificar e perseguir uma oportunidade, ele também a cria, como parte da implementação do processo empreendedor" (ARRUDA; BURCHART, DUTRA, 2016, p. 39)

Desta forma, a nova perspectiva proposta por Sarasvathy (2001) inicia um novo caminho neste campo de pesquisa possibilitando novos olhares sobre o estudo e pesquisa do empreendedorismo ao comparar as abordagens *effectual* e *causation*. E propõe uma abordagem orientada para ação (FISHER, 2012)

Ainda nesta perspectiva orientada para ação, Baker e Nelson, (2005) postulam a teoria da bricolagem empreendedora. A Bricolagem pode ser definida segundo os autores como “sobreviver aplicando combinações de recursos disponíveis a novos problemas e oportunidades” (Baker & Nelson, p. 33). Neste sentido em ambientes de escassez as empresas podem adotar a bricolagem como forma de recombinação dos recursos existentes para solucionar novos problemas e propiciar oportunidades.

Pode-se observar que esta abordagem está enfatiza cenários de recursos escassos, propondo possíveis caminhos para a sobrevivência das organizações/empresas.

E finalmente num estudo recente efetuado por Machado e Borges (2017) ao discutir o fenômeno do Empreendedorismo a partir do objeto de estudos, identificaram que o campo não apresenta um consenso. Na análise dos autores as diversas perspectivas sobre o objeto de estudos do campo geram um desafio para os pesquisadores da área do empreendedorismo “em posicionar-se sobre a compreensão de Empreendedorismo que irá utilizar em sua pesquisa”

Desta forma, pode-se dizer que os desafios continuam e se aprofundam quando o se trata da delimitação do campo, e do consenso de seus principais conceitos e paradigmas.

4 DISCUSSÃO

No texto apresentado foi possível distinguir o transcurso histórico e teórico do campo do empreendedorismo, desde suas origens como campo intelectual até a atualidade. Em todo este processo a interdisciplinaridade marcou a área, tendo grandes aportes da economia, das ciências sociais, dos estudos de gestão, da psicologia, entre outras. Historicamente, o campo de pesquisa em empreendedorismo foi compreendido tanto por Landström e Benner (2010) quanto por Fillion (1999) em três momentos, ou eras do pensamento empreendedor: a era

econômica num primeiro momento, a era das ciências sociais num segundo momento e a era dos estudos em gestão num terceiro momento. Estas eras ou momentos foram apontados com fins didáticos e analíticos, mas o que se pode perceber na atualidade no campo do empreendedorismo é a diversidade de disciplinas que conformam esta área do conhecimento coexistindo várias linhas de pensamento concomitantemente: linhas econômicas, comportamentais, psicológicas e da gestão.

Com relação aos aspectos epistemológicos é necessário destacar que na atualidade o campo do empreendedorismo, com suas múltiplas pesquisas, ainda não chegou a um consenso sobre os paradigmas essenciais que concentram sua área de estudo, sendo assim está área encontra-se com dificuldades para demarcar suas fronteiras conceituais, um problema visto por muitos estudiosos entre eles, Gartner (1985), Shane e Venkataraman (2000), Bruyat e Julien (2000); Julien (2010); e Machado e Borges (2017), estes autores criticam uma visão simplista do empreendedorismo sendo relevante para estes estudiosos realizar teorias mais complexas e multidimensionais que permitam compreender a essência do campo de pesquisa do empreendedorismo que se diferencie de todas as outras disciplinas. Estes estudiosos desenvolveram modelos epistemológicos ou pesquisas pontuais para aportar com a definição do campo.

Desta forma Gartner (1985) apresentou um quadro para descrever a criação de novas empresas, envolvendo quatro abordagens: indivíduo, ambiente, organização e processo. Por outro lado, Shane e Venkataraman (2000), enfatizam os estudos sobre as fontes de oportunidades, os processos de descoberta, a avaliação de oportunidades e sobre o conjunto de indivíduos que descobrem, avaliam e exploram estas oportunidades. Bruyat e Julien (2000) retomam os postulados de Gartner, mas com a diferença que o indivíduo e objeto criado (organização/empresa) são inseparáveis existindo uma relação dialética entre ambos, tornando-os o elemento central. Já Julien (2010) discute o empreendedorismo de acordo com quatro abordagens: antropológica e psicológica, sociológica, geográfica e econômica.

Baron e Shane (2007) deram ênfase ao processo empreendedor e a abordagem *effectuation* de Sarasvathy (2001) desenvolvendo uma lógica invertida à lógica causal onde a realidade é construída num processo de modelagem, gerou um novo paradigma nos estudos do empreendedorismo. Neste mesmo caminho Baker e Nelson, (2005) postularam a teoria da bricolagem empreendedora direcionada para cenários de escassez, em que as empresas podem adotar a bricolagem para solucionar novos problemas e propiciar oportunidades.

No entanto, mesmo diante da diversidade de pesquisas em empreendedorismo e tendo se consolidado como disciplina científica o campo ainda não consegue definir suas fronteiras, nem aspectos tão essenciais como é o seu objeto de estudos como o demostram Machado e Borges (2017).

5 CONCLUSÕES

Neste texto foi possível apresentar sucintamente o transcurso histórico e teórico do campo de pesquisa em empreendedorismo. Este campo de conhecimento, que como poucos, se forjou da junção de diversas disciplinas e pensamentos em torno de um único fenômeno, o empreendedorismo, precisa ser analisado na sua devida complexidade. Por ser um campo interdisciplinar e multinível entende-se a problemática de não chegar a um consenso sobre seus principais paradigmas e conceitos básicos, mas se por um lado isto gera uma falta de delimitação no campo de pesquisa, por outro, demonstra que a multiplicidade de perspectivas e pensamentos para observar, analisar, interpretar um determinado fenômeno é imensa, gerando uma compreensão mais abrangente sobre este, porém para que esta diversidade de conhecimentos seja mais bem aproveitada é urgente o diálogo interdisciplinar para estabelecer os alicerces primordiais deste campo.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Carlos; BURCHART, Ana; DUTRA, Michele. Sebrae – **Estudos Teóricos Referenciais sobre Educação Empreendedora: Relatório da Pesquisa Bibliográfica sobre Empreendedorismo e Educação Empreendedora**. SEBRAE – MG, 2016
- BAKER, T.; NELSON, R.E. Creating something from nothing: Resource construction through entrepreneurial bricolage. **Administrative Science Quarterly**, n. 50, v. 3, p. 329–366, 2005.
- BARON, R.; SHANE, S. **Empreendedorismo: uma visão do processo**. São Paulo: Thomson, 2007.
- BRUYAT, Christian, JULIEN, Pierre-André. Defining the field of research in entrepreneurship. *Journal of Business Venturing* v. 16, p. 165-180, **Elsevier Science Inc**. New York. 2000.
- DRUCKER, Peter F. **Uma Era de Descontinuidade**, Rio de Janeiro: Zajar Editores, 1970.

FISHER, G. Effectuation, Causation and Bricolagem: A behavioral comparison of emerging theories in entrepreneurship research. **Entrepreneurship Theory and Practice**, p. 1019-1051, 2012.

FILION, Louis Jacques. Diferenças entre Sistemas Gerenciais de Empreendedores e Operadores de Pequenos Negócios. **Revista Administração de Empresas – REA**, São Paulo, v. 34, n.4, p.6-20, out/dez 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GONZÁLES, Juan M. R.; AÑES, Miguel E. D.; MACHADO; Hilka V. Raciocínio effectual e raciocínio causal na criação de novos negócios: um estudo de caso. **RAIE**, SP, v. 10 n.2, p 140-158 mai./ago. 2011

GARTNER, William B. A conceptual framework for describing the phenomenon of new venture creation. **Academy of Management Review**, v. 10, n. 4, p. 696-706, 1985.

JULIEN, Pierre-André. **Empreendedorismo regional e a economia do conhecimento**. Saraiva, SP: 2010.

KIRZNER, Israel M. **Competição e Atividade empresarial**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1986.

MACHADO, H. P. V., & BORGES, C. (2017, June). Pesquisa em empreendedorismo: O desafio de diferentes compreensões do objeto de estudos. In R. Ascúa, S. Roitter, & L. Castillo (Eds.). **62º ICSB World Conference**. Buenos Aires, Argentina. Rafaela: Asociación Civil Red Pymes Mercosur. Libro digital, PDF arquivo digital: online ISBN 978-987-3608-30-8, pp. 70-79.

Disponível em: <<http://icsb2017.org/wp-content/uploads/2017/07/LIBRO-FINAL.pdf>>
Acesso em: 15 ago. 2021.

LANDSTRÖM, Hans; BENNER, Mats. Entrepreneurship research: a history of scholarly migration. In LANDSTRÖM, Hans; LOHRKE, Franz. **Historical Foundations of Entrepreneurship Research**. Great Britain: Edward Elgar, 2010.

LANDSTRÖM, H., & HARIRCHI, G. The social structure of entrepreneurship as a scientific field. **Research Policy**, n. 47, v. 3, p. 650-662, 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0048733318300131?casa_token=HZZT2YH_N4oAAAAA:zAb42TwX_TQR5EwuMXLy3QVLxAozosN3tkRULpEirvjBxpaKIPrwgH3Kts6GWvIPVoHiishzpRT4Yw> Acesso em 15 ago., 2021.

PINCHOT III, Gifford. Por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor. São Paulo: Harbra Ltda. 1989.

SHANE, S. e VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**. Vol.25, Issue 1, p.217-226, 9p. Jan 2000.

SARASVATHY, Saras D. Causation and Effectuation: Toward a Theoretical Shift from Economic inevitability to Entrepreneurial Contingency. **Academy of Management Review**, vol. 26, n. 2, p. 243-263, 2001.

SHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.